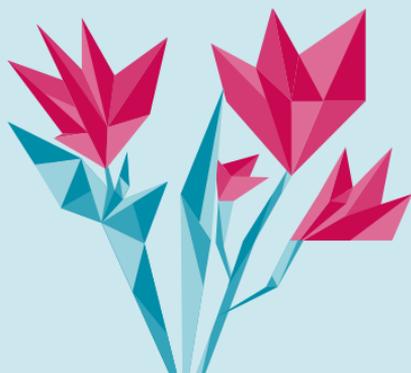


UM LUGAR AO SOL

UM FILME DE GABRIEL MASCARO

MATERIAL PEDAGÓGICO
PARA ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO



CRÉDITOS

Organização: Rachel Ellis

Texto: Clara Pássaro e Clara Moreira

Revisão: Mariana Pires

Diagramação: Felipe Soares e Guilherme Luigi

AGRADECIMENTOS

Silvana Olivieri

Grupo Educação Mudança pela Arte (GEMA)

Símio Filmes

Gabriel Mascaro

Desvia

APRESENTAÇÃO

Este material pedagógico foi financiado pelo Cinereach e Fundarpe (Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco). O texto foi escrito pelas arquitetas e urbanistas Clara Pássaro e Clara Moreira, sob coordenação de Rachel Ellis, produtora cultural e educadora.

O projeto foi desenvolvido pelo coletivo GEMA (Grupo de Educação e Mudança Pela Arte), uma ONG com sede no Recife que tem como objetivo provocar mudanças sociais através de ações e intervenções educacionais, artísticas e culturais. O documentário 'Um Lugar ao Sol' é uma produção da Símio Filmes, produtora independente pernambucana com expressivos trabalhos no circuito nacional e internacional.

CONTATO

umlugaraosolfilme@gmail.com

+55 (0) 81 3222.7053

www.gabrielmascaro.com

ÍNDICE

Introdução

//p. 04

Como usar o material

//p. 05

A cidade edificada

//p. 06

ROTEIRO 1 - A visão panorâmica

//p. 08

DINÂMICA DE GRUPO - Entendendo o ponto de vista do outro

//p. 16

ROTEIRO 2 - Filmando o outro

//p. 18

Sobre o documentário 'Um Lugar ao Sol'

//p. 24

realização:



patrocínio:



FUNCULTURA



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO



INTRODUÇÃO

O desenvolvimento urbano é um assunto de fundamental importância política, geográfica e social, que vem provocando cada vez mais reflexão na produção artística e cultural brasileira em anos recentes.

O documentário 'Um Lugar ao Sol' aborda o universo de moradores de valiosas coberturas no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, fazendo uma reflexão crítica sobre o processo de verticalização das cidades brasileiras e o modelo de desenvolvimento urbano que predomina no Brasil. O documentário abre possibilidades para discutir e explorar vários temas ligados à cidade, entre eles, a alienação, a verticalização, o direito à moradia, o papel das políticas públicas e a desigualdade e a violência urbanas, além de abrir para outras problemáticas, como a da formalidade (*versus* a informalidade) e a dos papéis de agentes urbanos distintos.

O material aqui apresentado é um apoio pedagógico desenvolvido para estimular e orientar discussões em salas de aula de ensino médio após a exibição de 'Um Lugar ao Sol'. O objetivo desta iniciativa é ampliar a utilização do documentário como ferramenta pedagógica, incentivando a transmissão de documentários em salas de aula e apostando que a realização de uma dinâmica de atividades e conversas com os alunos pode enriquecer as discussões que o filme suscita. Mais especificamente, este material busca trazer a discussão da 'cidade' e aproximá-la do cotidiano de vivências e experiências dos alunos e professores.

COMO USAR O MATERIAL

Este material inclui dois roteiros de atividade, uma dinâmica, informações sobre o documentário 'Um Lugar ao Sol' e uma cópia do filme. Os roteiros são um guia de atividades que foi elaborado para o professor desenvolver em sala de aula com os alunos. Todavia, sugerimos a distribuição de cópias do roteiro também para os alunos.

Por ser um longa-metragem de 71 minutos, pode não ser viável assistir ao filme completo no horário de uma aula. Neste caso, recomendamos marcar a exposição do filme em um horário alternativo e deixar o momento de aula para o desenvolvimento das atividades.

Os roteiros apresentam quatro itens: objetivos pedagógicos, atividades, considerações teóricas e sugestão de bibliografia.

Os dois roteiros são:

roteiro 1 >> a visão panorâmica

Apresenta uma primeira aproximação à problemática da cidade que o documentário aborda. Este primeiro roteiro visa apresentar aos professores e alunos possibilidades de leitura interpretativa do filme.

roteiro 2 >> filmando o outro

Objetiva estimular uma reflexão sobre o papel político e crítico do documentário brasileiro e as escolhas e posicionamentos de um realizador na hora de abordar seu assunto com a câmera.

A CIDADE EDIFICADA

Observar uma cidade edificada também é desvendar processos de interação social, indo além da caracterização morfológica ou econômica. 'Um Lugar ao Sol' propõe um debate sobre "cidade" que avança para desvendar estes processos sociais que constroem o espaço habitado. A construção da cidade parte de desejos, escolhas e condições individuais que, no entanto, se reproduzem numa vivência coletiva, pois a cidade é um ser coletivo e social.

Numa sociedade desigual, a cidade, enquanto um território definido, é profundamente desenhada a partir de relações de poder. As condições de escolhas que levam seus habitantes a construí-la são bastante diferenciadas pela capacidade de renda de cada cidadão. A escolha da moradia é, portanto, condicionada pela renda possível, o que, por fim, também representa relações desproporcionais de poder, entre os indivíduos, que levam a distorções e desigualdades sociais no acesso à qualidade de vida urbana.

O poder público deve procurar corrigir as distorções de um desenvolvimento territorial desigual, através de suas políticas públicas e da regulamentação urbanística, buscando defender o direito a uma vida mais digna para todos dentro da cidade. Também a sociedade civil deve se organizar para reivindicar a ampliação do acesso à qualidade de vida urbana e para defender os direitos sociais instituídos. No Brasil, são conhecidos diversos movimentos populares de luta por moradia, em defesa do meio ambiente sustentável, pelo saneamento ambiental etc.

Os centros urbanos brasileiros expressam uma complexa dinâmica de desigualdade social. Entre 1950 e 1980, a população saiu do ambiente rural para ocupar as cidades. Numa inversão rápida, o ambiente urbano passou a abrigar a maior parte da população, entretanto, sem garantia de que haveria oportunidades de trabalho e acesso à qualidade de vida e aos benefícios da urbanização para todos. Os que tinham dificuldades para acessar a qualidade de vida urbana ocuparam a cidade da forma como puderam: um grande contingente de população pobre foi se aglomerando em grandes bairros precários e ilegais às margens de pequenas

áreas formais e bem servidas, caracterizando a desigualdade social no próprio desenho urbano que se constituía. Este processo foi ainda acompanhado de degradação ambiental, desvalorização do espaço público, precarização do sistema de transportes, concentração e verticalização – aspectos constituintes e marcantes da imagem, da paisagem e da experiência urbana brasileira.

A cidade é complexa, sua construção parte de desejos e intenções individuais que podem ser extremamente pessoais e íntimos, mas que ganham o espaço social e coletivo das relações humanas, submetido a relações de poder. Neste processo, podem haver conflitos, disputas, distorções e desigualdades. Isso gera a necessidade de intermediação do poder público e de outras entidades da sociedade civil para a promoção de direitos enquanto acordos sociais legítimos, a fim de um maior equilíbrio social, redução das tensões e da miséria e melhor distribuição dos privilégios da urbanização, que são muitos.





ROTEIRO 1

“A VISÃO PANORÂMICA”

Este primeiro roteiro busca desenvolver com os professores e alunos algumas possibilidades de leitura interpretativa do filme. Tem o formato de duas rodas de conversa seguidas por um curto exercício de escrita.

OBJETIVOS PEDAGÓGICOS

O objetivo desta atividade é colher as impressões e percepções dos alunos e professores, através de um movimento livre de reflexão para explorar as diferentes opiniões e olhares sobre o filme. O que se busca não é uma complementaridade de ideias, mas cruzamentos de diferentes bagagens pessoais que podem também se adicionar, questionar, misturar, estender, dividir.

ATIVIDADE 1 . RODAS DE CONVERSA

Esta atividade se estrutura através de duas rodas de conversas/discussões com os alunos: a primeira roda tem o formato mais livre e a segunda pode ser mais direcionada pelo professor.

1. PRIMEIRA RODA DE CONVERSA:

TROCA LIVRE COM OS ALUNOS

O professor propõe uma conversa livre em que os alunos possam expor suas impressões e percepções imediatas, partindo dos pontos do filme de que mais gostaram, que mais os tocaram e/ou chocaram. O professor pode estimular a discussão com as seguintes perguntas:

- > **De que forma os entrevistados se relacionam com a cidade?**
- > **De que forma o filme mostra um distanciamento dos personagens para com a cidade? Através de que imagens e artifícios formais?**
- > **O filme mostra muitas imagens da cidade em construção. Quem constrói a cidade?**
- > **Por que o diretor entrevistou a camada mais rica da sociedade?**
- > **Você concorda com o depoimento de algum entrevistado? Por quê?**

SUGESTÃO

A depender da quantidade de alunos em sala de aula, fazer uma roda com a turma inteira (trazendo para uma configuração espacial a ideia de horizontalidade no ensino) ou dividir a turma em grupos. O professor deverá distribuir diferentes questões, que deverão ser discutidas na roda ou nos pequenos grupos. Neste caso, cada grupo deverá, depois, apresentar sua questão para o resto da sala (para facilitar o debate e incentivar o envolvimento de cada um).

2. SEGUNDA RODA DE CONVERSA:

BATE-VOLTA PROFESSOR-ALUNO-PROFESSOR

O argumento do filme se estrutura através de dois elementos principais: imagens da cidade e depoimentos dos entrevistados em seus apartamentos (o discurso dos moradores da cobertura).

Passo 1 // No formato bate-volta professor-aluno-professor (ou seja, o professor pergunta, os alunos respondem e o professor vai estruturando a aula sempre nesta direção), fazer com os alunos uma “tempestade de ideias” no quadro, listando as imagens do filme que forem lembradas. Depois de listadas, olhar novamente para as palavras e tentar captar o que cada imagem pode sugerir.

EXEMPLO

A imagem das sombras na praia e a força poética que ela é capaz de sugerir através de um sentimento. Com esta imagem, podem-se inferir questões como ocupação, presença, disputa dos espaços, poder, totalidade, ausência de luz, pessoas tentando ocupar as brechas de luz que restaram.

Passo 2 // Sugerimos fazer o mesmo processo com as falas das entrevistas ou, então, tanto com as imagens, quanto com as entrevistas.

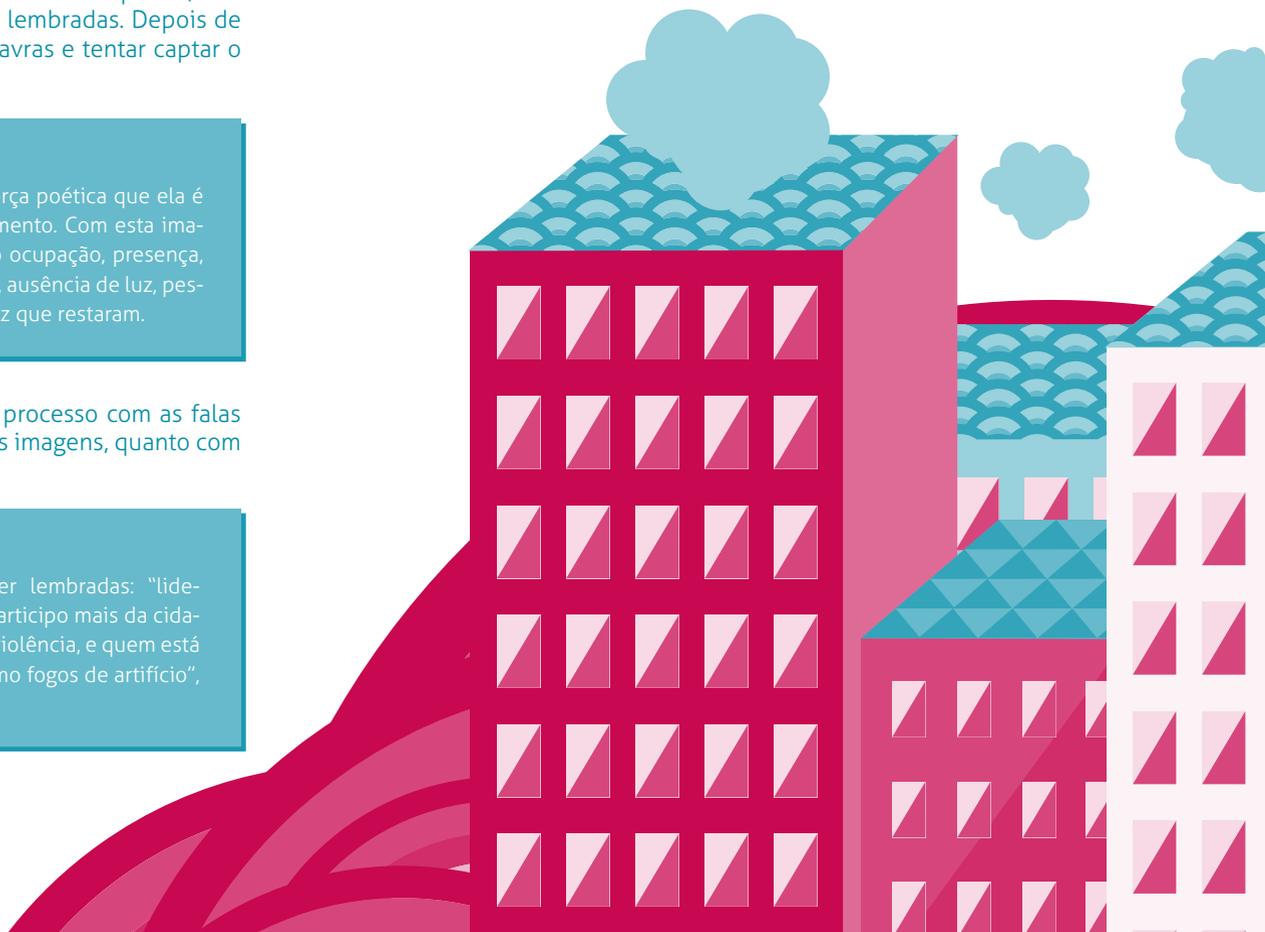
EXEMPLO

Exemplos de falas que poderiam ser lembradas: “liderança é genética”, “daqui de cima eu participo mais da cidade porque podemos escutar o som da violência, e quem está embaixo não escuta”, “as balas são como fogos de artifício”, “o barulho de panelas me irrita”...

ATIVIDADE 2 . CARTAS

Este exercício pode ser feito como tarefa de casa ou na sala de aula.

Cada aluno tem que escolher uma personagem do filme e escrever uma carta para ele/ela, dizendo o que achou do seu discurso. Se o aluno preferir, pode fazer um desenho para ilustrar seus pensamentos. Na aula seguinte, cada um pode ler sua carta e discutir com o grupo.



CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Este roteiro pretende induzir à discussão sobre cidade e sociedade, fenômenos que se condicionam mutuamente. Todos que integram uma sociedade são construtores e participantes da cidade, bem como, a forma como uma pessoa vive e se relaciona com a cidade influencia a forma com que outras pessoas se relacionam entre si e com a cidade.

No filme, os entrevistados parecem querer se distanciar da cidade, que ora representa um conjunto de problemas para os quais se deseja proteção (violência, insegurança, miséria), ora representa uma imagem idílica de paisagem que se pretende contemplar (a natureza, o mar, a própria vista da cidade). Nos dois casos, a cidade é um ser distante, que se observa do alto. As personagens, por sua vez, não se veem como parte integrante desse lugar.

Entretanto, inevitavelmente, todos participam do espaço que habitam coletivamente. Os problemas e as virtudes da cidade são coletivos. Entender-se como parte da cidade representa uma atitude cidadã: quando se faz parte da cidade, assumem-se responsabilidades pelo que ela é, de outra forma, se a cidade lhe é alheia, se é uma realidade da qual não se faz parte, ela é abandonada – mas se você faz parte desta cidade, também sofrerá as consequências do abandono.

Assim, as falas das personagens revelam vontade de fugir da cidade enquanto fenômeno social, supervalorizam o espaço privado/individual e tendem à anulação do espaço público/coletivo, o que, por fim, demonstra uma negação da vida em sociedade.

ALGUMAS CAUSAS DA VERTICALIZAÇÃO NO BRASIL

A valorização do solo urbano conduz as cidades ao adensamento: mais pessoas passam a disputar os mesmos lugares. A verticalização dos lotes é uma alternativa arquitetônica para a questão do adensamento urbano, permitindo que mais pessoas vivam num mesmo lugar. Hoje em dia, é possível construir um edifício muito alto, viabilizando a ocupação de um mesmo lote por dezenas de unidades habitacionais onde antes havia apenas uma casa.

Consideremos, entretanto, que a verticalização provocada pelo adensamento urbano nas grandes cidades brasi-

leiras tem impacto sobre a vida das pessoas, a paisagem e a experiência urbanas, manifesta e condiciona relações sociais e não se explica apenas pela necessidade de criar espaço para o crescente contingente populacional. Veremos que a questão da verticalização está profundamente envolvida com noções subjetivas de segurança e *status*.

No Brasil, as pessoas desejam viver em edifícios mais altos e mais modernos impulsionadas pelo medo da violência, buscando maior segurança. Os condomínios geralmente possuem um porteiro que vigia e controla a entrada das pessoas no prédio. Além disso, outros dispositivos de segurança podem ser ativados e seus custos são divididos entre os condôminos. Arquitetonicamente, os edifícios de apartamentos parecem mesmo ser mais seguros porque impõem mais barreiras ao acesso ao ambiente íntimo da moradia – por exemplo, para visitar um amigo que mora num apartamento, provavelmente será necessário passar pelo controle de um porteiro na portaria, por um *hall* coletivo, depois por um elevador ou uma escada e, ainda, um segundo *hall*, até que seja possível interagir com o morador. Por outro lado, geralmente as residências unifamiliares apresentam menos barreiras até que tenhamos acesso aos seus moradores.

Sempre haverá exceções, casos específicos e situações muito distintas com relação às condições de segurança das casas e dos apartamentos, mas é importante notarmos que, devido a algumas características práticas dos condomínios de apartamentos, associou-se a desejada segurança urbana com a vida neste tipo de moradia. Não raramente, estes condomínios são em edifícios altos, cada vez mais altos, de forma que o modelo do grande edifício com apartamentos acaba representando o desejo de segurança – e consequentemente, multiplica-se na paisagem dos grandes e violentos centros urbanos brasileiros.

Também se costuma associar a vida nos apartamentos e prédios altos com maior qualidade de vida e *status*. A possibilidade de apartar-se da vida coletiva e pública, culturalmente, está relacionada com a posição social. A rua representa a sujeira, a promiscuidade, a violência, a doença, o perigo. Na casa (o ambiente privado) está-se a salvo. A maior possibilidade de proteger-se da rua, significa maior poder na

sociedade. Hoje em dia, os apartamentos, em geral, representam fortemente esta possibilidade de “proteção” da rua, da vida pública e coletiva. Estas relações culturais com o espaço público e o privado estão narradas na obra “Sobrados e Mocambos”, de Gilberto Freyre.

ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS DA VERTICALIZAÇÃO

Nas grandes cidades brasileiras, o processo de verticalização é desproporcional às condições de infraestrutura disponíveis. Os sistemas de coleta de lixo, abastecimento de água, distribuição de energia elétrica, saneamento ambiental e o sistema viário são designados para uma determinada capacidade de suporte. Se o incremento de moradores que ocorre com a verticalização não vem acompanhado de uma revisão destes sistemas, há sérios problemas no funcionamento da rede infraestrutural. Por exemplo, o aumento no número e na duração dos engarrafamentos tem relação direta com o processo de verticalização.

A verticalização inadequada também interfere nas correntes de ar, impactando no conforto térmico da cidade. Como vimos no filme, a sombra dos prédios que se projeta sobre a praia de Boa Viagem, no Recife, atrapalha o uso da praia para o lazer no período da tarde e ainda altera as condições para o desenvolvimento de fauna e flora marítimas.

Por fim, é importante refletir sobre a paisagem que vem sendo construída pelo processo de verticalização. O adensamento dos prédios também desenha uma imagem na cidade, seja para quem a observa de longe, seja para aquele que caminha em suas ruas. Alguns arquitetos e paisagistas se ressentem do efeito da verticalização na cidade. Para eles, o conjunto de prédios rouba visibilidade e profundidade de campo de visão, limita os horizontes e fecha perspectivas, vedando, com padrões repetitivos, as vistas da cidade.

BIBLIOGRAFIA

Referências bibliográficas da leitura sugerida:

- > DE CERTEAU, Michel. Caminhadas pela cidade. In: A Invenção do Cotidiano 1. Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 170. (link para baixar o livro: <http://letrasuspdownload.wordpress.com/2010/08/28/livro-a-invencao-do-cotidiano-vol-1-artes-de-fazer/>)
- > Oliviere, Silvana. *Cidade, corpo e cinema*, em www.laboratoriourbano.ufba.br/?menu=14&conteudo=17&submenu=Núcleo+de+Pesquisa+em+Mobilidade+Urbana+da+Faculdade+de+Arquitetura+da+Universidade+Federal+da+Bahia. Em www.nmob.org
- > www.observatoriodasmetropoles.net
- > www.cidades.gov.br
- > www.direitoacidade.org

DINÂMICA DE GRUPO

ENTENDENDO O PONTO DE VISTA DO OUTRO*

Esta dinâmica reflete sobre conceito de 'visão de mundo'. O mundo não é tal qual ele se parece, muito menos tal qual ele é. O mundo é igualmente diferente para todos que nele atuam. O olhar de cada sujeito está mediado pelas próprias experiências e pelo 'lugar' que ocupa no mundo. Assim, esta dinâmica propõe desconstruir uma visão plena e acabada sobre o 'todo', e sim propor a idéia do partilhamento, da fissura do olhar como parte constituinte deste todo.

A dinâmica demora um minuto para fazer.

As perguntas podem ser respondidas em plenário ou em grupos menores.

PASSO 1.

(mínimo 4 pessoas, duração 10 minutos)

Pedir que duas pessoas da sala fiquem, frente a frente, se olhando. Uma delas deverá se posicionar de costas para o quadro (ou outro objeto que seja único na sala, como a porta, por exemplo). A outra pessoa deverá ficar de frente para o objeto. Uma terceira pessoa deverá ser convidada a ficar de lado, olhando para as duas pessoas sentadas

PASSO 2

A terceira pessoa pergunta: Onde está o quadro? Os dois deverão responder simultaneamente. A pessoa que está de frente para a porta dirá: "Na minha frente"; a outra dirá: "Atrás de mim".

PASSO 3

Perguntas para o grupo discutir.

- > Que aconteceu na peça?
- > Quem estava certo? *(Resposta: ambos estavam certos, cada uma de seu ponto de vista individual)*
- > Alguém estava certo para a terceira pessoa?
- > De que maneira fomos ensinados a ver as coisas a partir de um único ponto de vista?
- > O que compõe nosso "olhar" individual?
- > O que isso significa em termos de como interagimos com pessoas de outros grupos e contextos sociais?
- > Existe uma cultura dominante na nossa sociedade que influencia nossas atitudes, expectativas com relação aos outros e nossos comportamentos? Quais são essas expectativas?

**De 'Treinamentos para transformação', 2003, ITDG, Anne Hope e Sally Timmel.'*



ROTEIRO 2

“FILMANDO O OUTRO”

Este roteiro envolve três atividades que podem ser executadas de forma independente umas das outras, ou de forma cronológica. A primeira se trata de uma discussão geral sobre o filme, a fim de explorar as motivações por trás das escolhas filmáticas e procedimentais que a obra apresenta. A segunda é uma leitura para aprofundar alguns dos questionamentos que surgem quando filmamos “o outro”. A terceira atividade envolve uma saída para filmar ou fotografar com câmera de celular ou outras câmera disponíveis.

OBJETIVOS PEDAGÓGICOS

Este último roteiro busca estimular uma reflexão dos alunos sobre o papel do documentário enquanto provocador de reflexões sociais e políticas, com um foco na complexa relação que existe entre o realizador e o entrevistado. Neste caso, mais ainda complexo quando “o outro” filmado é um “outro de classe”.

ATIVIDADE 1: DISCUSSÃO GERAL

As seguintes perguntas podem ajudar a guiar a conversa:

- > O diretor mostrou o quê da cidade nas imagens? Já assistiram a este tipo de imagem de cidades brasileiras em outros filmes ou na TV? É diferente? Como?
- > Quanto à trilha sonora, como ela influenciou o tom do filme? (No caso, a trilha foi composta a partir de sons captados em locais de construção de prédios nas três cidades).
- > Por que acham que o diretor não mostrou mais dos apartamentos e prédios e não revelou os nomes dos entrevistados? (Ele enfrentou um série de restrições devido a preocupações relacionadas à segurança e à proteção da identidade dos indivíduos).
- > Que acham da cena final do filme, quando a mulher sai? Por que ela saiu da cena? Foi justo o diretor continuar filmando? Por que o diretor escolheu terminar o filme com essa cena?

- > O documentário mostra um olhar 'positivo' acerca das personagens?
- > Por que temos a impressão de que o diretor tem um ponto de vista crítico? Como percebemos isso?
- > Quais recursos (imagem, áudio, edição) o diretor usa para mostrar o 'distanciamento geográfico' do lugar onde as personagens vivem?
- > Como o diretor conseguiu acesso àquelas pessoas?

OBSERVAÇÃO

O diretor fingiu ser um importante cineasta para ganhar a confiança dos entrevistados, dizendo que faria um filme sobre o cotidiano dos moradores de cobertura. Ele tinha apenas 22 anos na época da filmagem e essa armadilha foi construída para garantir a aproximação das pessoas, visto que é raro ter acesso a este grupo social. Vale ressaltar que é quase nula a produção de documentários desta natureza no Brasil.

ATIVIDADE 2

Trata-se de um aprofundamento das ideias e conceitos levantados na primeira atividade. Porém, esta pode ser realizada de forma independente, com um grupo mais avançado.

O seguinte parágrafo foi retirado do livro "Ver e Poder" de Jean-Louis Comolli. Propomos que seja distribuído entre os alunos e lido em voz alta em grupo.

"O filme se parece com o mundo, que se parece com o filme etc. É o que diz a mágica fórmula rosselliniana: 'O mundo está aqui...' bastaria ao cinema captá-lo etc. 'Mostrar', 'Expressar', 'ir em direção a'- essa ladainha da 'comunicação' funda-se sobre a idéia de uma positividade do mundo[...]Toda essa positividade teria (finalmente) encontrado no cinema sua redundância. Porém, vejo muito mais em atividade, no funciona-

mento cinematográfico, a força de uma negatividade arisca. Filmar como subtrair, recortar, tirar da realidade o que entra no filme, não fazer entrar tudo nele, fazer duvidar tanto do que entra como do que não entra – enfim, separar, cortar, 'rachar o mundo' (Deleuze) com o filme. Temo, por exemplo, que os cineastas que se dizem e se colocam em posição de 'dar' – e isso vale sobretudo para os documentaristas, especialmente aqueles que, por caridade, se propõem a 'dar a palavra àqueles que dela são privados' – não façam mais do que ocupar novamente o lugar do mestre, reproduzir o gesto do poder. Pois não se trata de 'dar', mas de tomar e de ser tomado, trata-se sempre de violência: não de restituir a algum despossuído o que eu teria e decidiria que lhe faz falta, mas de constituir com ele uma relação de forças em que, seguramente, arrisco ser tão despossuído quanto ele. Como, aliás, fazer um filme sem entrar na violência de um gesto que faz vir ao mundo alguma coisa que não é dele e que, por estar nele, abre conflito?"

"Ver e Poder" de Jean-Louis Comolli, P73-74

PERGUNTAS

Um guia para a conversa depois da leitura:

- > É possível filmar a realidade?
- > O que é a realidade?
- > Verdade no cinema ou verdade do cinema?
- > O real, sob que ponto de vista?
- > Qual o desafio de filmar "o outro"?
- > Quem é "o outro"?
- > Eu, um "outro"?

ATIVIDADE 3

Este exercício deve ajudar a refletir ainda mais sobre os assuntos discutidos nas atividades 1 e 2. Pode ser feito antes ou em vez dos outros exercícios, dependendo do tempo disponível e do desejo do grupo e do professor.

TAREFA PARA FAZER EM CASA OU DURANTE A AULA

PASSO 1

> Individualmente ou em pequenos grupos, identificar um local desconhecido na cidade e visitar para filmar ou fotografar. As pessoas do local escolhido podem ou não ser entrevistadas. Esta é uma decisão que cabe ao grupo que estiver filmando.

- Depois da filmagem, mostrar as imagens para o resto do grupo e conversar sobre quais foram as dificuldades e barreiras encontradas. Como eles se sentiram filmando esse "outro"? Eles quebraram algum estereótipo do "outro"? Conseguiram se aproximar ou ficaram mais distantes ainda?

PASSO 2

> Agora o exercício é inverso. O desafio é filmar alguém conhecido, de um grupo social familiar, ou ir a um local que você conhece, entrevistando ou não as pessoas.

- Depois da filmagem, mostrar as imagens para o resto do grupo e conversar sobre quais foram as dificuldades e barreiras encontradas. Como eles se sentiram filmando? Eles quebraram algum estereótipo sobre eles mesmos? Conseguiram se aproximar, ou ficaram mais distantes?

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Este roteiro trabalha a perspectiva da desconstrução do olhar clássico do mito da 'imparcialidade'. O documentário é sempre o olhar de alguém sobre a realidade, e não o real em si. É uma interferência, uma reapropriação, e mais, é a criação de um contexto de 'real'. Desta forma, o importante é reorientar a interpretação da palavra 'documentário' para além da associação com as palavras 'verdade', 'testemunho', 'fato real', 'realidade'. Tal roteiro de aula desperta a reflexão crítica sobre a subjetividade do olhar, revelando o fato de que enquadrar a 'realidade' significa escolher o que deixar dentro do quadro. E este dentro do quadro pressupõe um fora, logo, uma postura sobre o que olhar e o que não olhar.

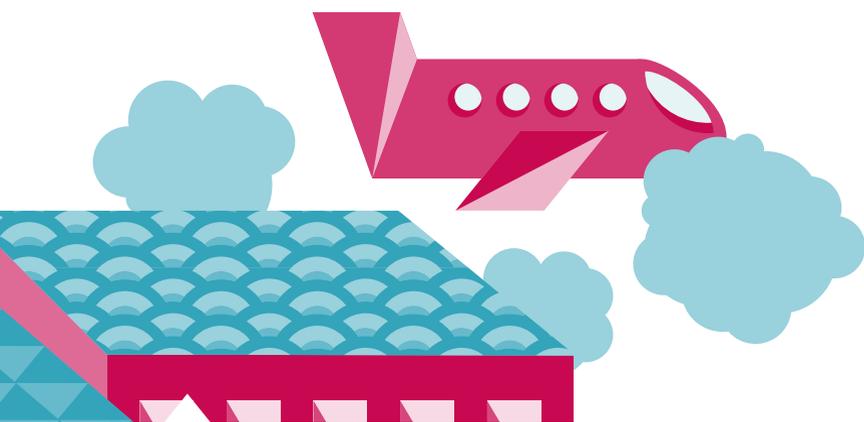
BIBLIOGRAFIA

Sobre filmar o outro

- > BERNARDET, Jean Claude, "Cineastas e Imagens do Povo", edição ampliada, ed. Cia da Letras, 2003.
- > COMOLLI, Jean-Louis. "Como filmar o inimigo?". In: Ver e Poder. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- > Entrevista com Jean-Claude Bernardet sobre Ética no documentário, Revista Época, <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT718661-1655,00.html>

SOBRE 'UM LUGAR AO SOL'

DOCUMENTÁRIO / COR / 71 MINUTOS / HD



SINOPSE

'Um Lugar ao Sol' é um documentário que reúne depoimentos de moradores de luxuosas coberturas do Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. O diretor conseguiu acesso aos moradores através de um curioso livro que mapeia a elite e pessoas influentes da sociedade brasileira. No livro, foram catalogados 125 donos de coberturas. Desses, apenas nove concordaram em ceder entrevista. O documentário oferece um rico debate sobre desejo, visibilidade, altura, *status* e poder. É um filme que reflete sobre a classe dominante brasileira e a verticalização das cidades, abordando o imaginário sócio-cultural de um grupo pouco problematizado na cinematografia nacional.

O QUE ESTÃO DIZENDO SOBRE O FILME:

"Um especialista em entrevistas de alto risco... Mascaró está à altura de suas pretensões." Diego Trerotola, *El Amante*, Buenos Aires.

"Uma meditação filosófica sobre o privilégio econômico... a fotografia é deslumbrante" Peter Debruge, *Variety Magazine*, EUA.

"Uma forma inovadora e arriscada de fazer filmes, nos aproximando de um grupo social que é pouco visto no cinema" Jury, *FIDOCs*, Chile.

"Sem forçar, nos provoca a pensar sobre desigualdade, satisfação e esquecimento" Los Angeles Weekly Review.

"O filme lança um olhar poético muito raro e incômodo sobre alguns aspectos da elite brasileira..." Cahiers du Cinéma.

PRÊMIOS E FESTIVAIS:

O filme foi exibido em mais de 50 festivais e mostras de cinema no mundo, conquistando cinco prêmios e sempre provocando debate e polêmica.

FICHA TÉCNICA:

Direção, roteiro e produção: Gabriel Mascaró
Produção executiva: Stella Zimmerman e Rachel Ellis
Direção de produção: Lívia de Melo
Direção de fotografia: Pedro Sotero
Montagem: Marcelo Pedroso
Trilha sonora: Iezu Kaeru e Luiz Pessoa
Som: Phelipe Cabeça
Colorista: Rogério (Movimento CG)
Mixagem de som: Gera Vieira (Carranca)
Produtora de finalização e distribuição: Rachel Ellis

Mais informações sobre o filme e o diretor:
www.gabrielmascaró.com



O documentário 'Um Lugar ao Sol' traz depoimentos de nove moradores de cobertura das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. O acesso aos moradores apenas foi possível a partir de um curioso livro que mapeia a elite e pessoas influentes da sociedade brasileira. O documentário oferece um rico debate sobre desejo, altura, *status* e poder, lançando um olhar provocador sobre a verticalização das cidades brasileiras.

A cartilha que acompanha o DVD é um apoio pedagógico desenvolvido para estimular e orientar discussões em salas de aula de ensino médio após a exibição do filme. O objetivo desta iniciativa é ampliar a utilização do documentário como ferramenta pedagógica, incentivando a transmissão de documentários em salas de aula. Mais especificamente, este material busca trazer a discussão da 'cidade' e aproximá-la do cotidiano de vivências e experiências dos alunos e professores.

DOCUMENTÁRIO | COR | 71' | BRASIL | 2009

realização:



contato

umlugaraosolfilme@gmail.com

+55 (0) 81 3222.7053

patrocínio:



FUNDCULTURA



SECRETARIA
DE EDUCAÇÃO

